



A Galeria do Antigo Paço Arquiepiscopal e os livros Eduardo Pires de Oliveira*

Poucos ou nenhuns lugares haverá como este em Portugal no que respeita ao LIVRO. Durante os finais do século XVI e XVII foi em simultâneo biblioteca, livraria e tipografia.

O Largo do Paço, em Braga, é uma pequena e belíssima praça, envolta em três lados por um só edifício, o antigo Paço Arquiepiscopal de Braga, hoje reitoria da Universidade do Minho e Biblioteca Pública de Braga. Numa primeiro olhar parecerá que resultou de um só momento; mas se nos detivermos a olhar atentamente, logo se perceberá que a sua construção se estendeu por vários séculos, do XVI ao XVIII.

O lado mais singular é a ala poente, assente sobre uma série de fortes colunas. De início, pensaremos que tem apenas dois pisos. Esse é um pensamento que tanto tem de correcto como incorrecto. Explico: originalmente era constituído por três pisos, sendo o “terceiro” um mezanino, situado a meio, entre o piso térreo

* ARTIS. Instituto de História de Arte. Faculdade de Letras. Universidade de Lisboa.
epoeduardo@gmail.com

e o nobre. Se olharmos com atenção perceberemos o mezanino, veremos que não só existem ali uma série de pequenas aberturas como, também – e agora olhando para o paramento –, o desenho de uma série de janelas de pequena dimensão que estão entaipadas. Ou seja, veremos que esta zona teve uma serventia que numa primeira análise não é muito fácil de entender, mas que dá para perceber que era afinal constituída por dois pisos, pisos esses que parece não terem tido nenhum tipo de ligação com o superior.

Foi o arcebispo D. Frei Agostinho de Jesus que mandou construir esta ala em 1593, segundo a data que é indicada na inscrição colocada sobre a sua pedra de armas. Esta é, porém, uma data controversa pois segundo José Ferrão Afonso o início da construção aconteceu dois anos antes, em 1591, e terminou em 1597¹. O ano de 1593 poderá, assim, corresponder ao momento em que se lavrou aquela pedra. O projecto deverá ter sido concebido pelo seu mestre-de-obras e arquitecto, Manuel Luís, um homem com basta obra no Porto e Braga e também o responsável por esta empreitada.

Voluntarioso, o Arcebispo teve uma acção muito importante no desenvolvimento e redesenho da cidade de Braga, que só não é mais conhecida e estudada porque tem sido ofuscada pela obra do seu antecessor, D. Diogo de Sousa. Mas já vai sendo tempo de o colocar no pedestal que bem merece. A continuação das obras do seu Paço, em zona voltada à Sé, mostra bem que quis marcar posição na cidade pois poderia tê-lo feito na continuidade da construção medieval, a norte, também em terrenos pertencentes à Mitra.

A ala poente do largo do Paço, espaço privilegiado do livro

Sabe-se desde sempre que aquela ala serviu para albergar, na parte superior, a biblioteca do arcebispo e, quiçá, algumas dependências ligadas à sua sala de atendimento público, que muito possivelmente corresponde ao actual gabinete do Reitor. Mas não tem sido valorizada a monumental varanda que tem no topo sul, voltada à Sé. Nem, também, se percebe bem porque tem ali uma pedra de armas a encimá-la quando, a poucos metros, existe outra, já atrás referida.

Tudo, porém, se torna mais perceptível se a entendermos como uma varanda de poder, como o local onde o arcebispo assistia às procissões e cortejos ou em que, quiçá, se manifestava em público. Terá sido essa a primeira varanda de poder dos arcebispos, sendo a segunda a do salão nobre, no meio do largo do Paço e, mais tarde, a terceira, a que está a meio do mezanino do palácio de D. José de Bragança, voltada à praça do Município.

Não se sabia, porém, qual era a ocupação dada à parte de baixo, aos 13 *taboleiros*, como então era designado cada espaço entre as grossas colunas.

Cedo, porém, o arcebispo o definiu: aqueles espaços seriam também dedicados aos livros, quer como local de habitação de livreiros, quer como ponto de venda de livros quer, ainda, como tipografia. Ou seja, quis reunir num mesmo local tudo quanto dissesse respeito aos livros.

É bem possível que este tenha sido o primeiro espaço português integralmente dedicado ao livro: os espaços térreos serviriam como locais dedicados ao comércio e à indústria do livro e o mezanino como habitação dos responsáveis. Poderá parecer a que esse espaço é muito baixo; mas confrontando-se com os quartos de banho existentes a meio da escadaria de acesso ao Salão Nobre, ter-se-á a percepção certa da sua altura.

O primeiro mapa da cidade, o de Braunio, de 1594, não nos permite ter nenhum tipo de leitura desta ala do palácio. O de André Soares, século e meio mais tardio, também não nos deixa perceber o seu desenho. Mas na falta das imagens podemos recriar estes espaços recorrendo à documentação. Por ela poderemos saber que estes espaços foram ocupados por vários membros da família dos Bastos², gente ligada ao comércio e à edição de livros.

A mais antiga referência conhecida diz-nos que em 9 de outubro de 1609, Gonçalo Basto, "*livreiro do arcebispo*", pediu-lhe autorização para lhe serem emprazados dois *tabolleiros*, porque já os tinha dividido e organizado com algumas obras. Sabe-se que eram os que estavam situados na parte Sul da *Galaria*, com abertura para o largo que defrontava a porta lateral da Catedral, o mais interessante do ponto de vista comercial. Deve anotar-se, e esta informação é importantíssima, que este prazo refere que os *tabolleiros* com que confinava do lado Norte estavam emprazados ao seu irmão Frutuoso Lourenço de Basto³, impressor, de quem se conhecem 16 livros.

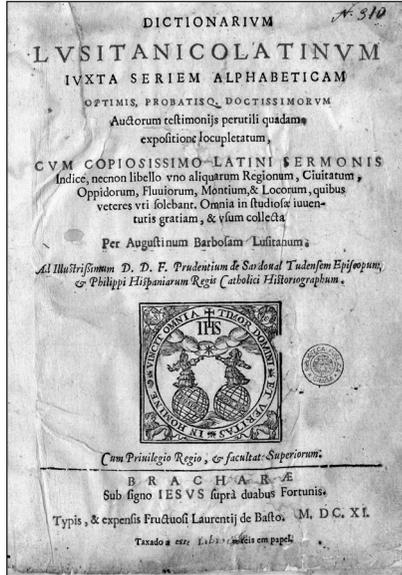


Foto 1. *Dictionarium Lusitanico Latinum...* Braga, Fructuosi Laurentij de Basto, 1611 (Col. Biblioteca Pública de Braga. Cota Res 664 V).



Foto 2. *Primeiro tomo dos Sermoens do P. M. Francisco D'Amaral...* Braga, Gonçalo de Basto, 1641 (Col. Biblioteca Pública de Braga. Cota Res 684 V).

Ou seja: nestes baixos existia uma livraria e uma tipografia. E, como veremos a seguir, viria também a servir como local de habitações de livreiros. Em cima situava-se a biblioteca do Arcebispo. Utilizando uma linguagem comercial actual, era o *três em um* dos livros.

O livreiro Gonçalo de Basto

De Gonçalo de Basto sabemos ter sido nomeado “*livreiro do arcebispo*” por provisão de 6 de Setembro de 1600:

... que querendo nos fazer graça e merce a Goncalo de Basto livreiro morador nesta cidade o filhamos por oficial do dito officio na nossa casa e avendo respeito aos privilegios que os senhores Arcebispos nossos antecessores tiverão avemos por bem e nos praz que emquanto o dito Goncalo Basto viver, e morar nesta nossa cidade seja privilegiado, e escuso de todos os encargos do concelho, e de pagar ceptas, fintas, talhas, pedidos, foros, emprestimos que na dita cidade forem ou sejam lancados, nem seja tutor, nem curador, nem sacador de pedidos, nem lancador, nem recebedor de sisas, nem fintas, nem de talhas, nem va com pezos, dinheiro, nem merçes, nem seja mordomo, nem seja obrigado vir nas companhias dos capitães da cidade, salvo com os de nossa caza, nem sera obrigado pagar pera santo ou santa, nem pera festa, ou porcissão alguma, nem lhe sera tomada caza, adega, nem cavalaria, nem lhe tomem roupa de cama, nem outra alfaia de sua casa porque de tudo e cada cousa o avemos por escuso, e todos os mais cargos que por nosso ouvidor, juizes, vereadores e mais justiças desta nossa cidade lhe foram lancados posto que delles e cada hum delles nesta não façamos expressa menção que todos aqui avemos por expressos e declarados, pelo que mandamos todas as ditas justicas, e mais pessoas acima declaradas que assi o cumpram e façam mui inteiramente cumprir e guardar sem embargo algum que a elle seja posto porquanto o assi o avemos por bem...⁴.

Poucos meses mais tarde, em 12 de Outubro de 1609, *Gonçalo de Basto livreiro da botica no canto da galeria dos passos Arcebispaes*, recebeu nova

provisão sobre aqueles *tabolleiros*, desta vez na forma de um prazo em três vidas, o que lhe justificava o investimento ali que fizera⁵. Este prazo viria a ser renovado e melhorado em 26 de Setembro de 1628, *com o acrescentamento de mais hum arco*⁶.

Outros emprazamentos na *Galaria*, no século XVII

A ocupação da *Galaria* com livreiros não terminou aqui. Sabemos que após os Basto, os *tabolleiros* continuaram a ser utilizados como lugar preferencial de habitação destes homens. Este facto não é de estranhar pois o largo do Paço era frequentado por padres e letrados que eram, então, os principais compradores de livros. Uns porque aqui vinham tratar de mil e uns problemas dos seus paroquianos e outros porque no lado nascente deste largo estava situado o Tribunal da Relação Eclesiástica. Não sabemos, porém, se a partir de meados do séc. XVII aqui continuou a laborar uma casa de venda de livros e uma tipografia.

Não admira, portanto, que encontremos aqui a viver vários livreiros: em 1655, António Monteiro; em 1666, Bernardo Mendes, genro do anterior; em 1680, Semião Gomes. Em 1666, doze dos treze espaços estavam emprazados a Mariana Monteiro, mulher do livreiro Bernardo Mendes; o espaço que ficou livre deveria ser o central, o que permitia o acesso direto ao pátio interior do Paço Arquiepiscopal.

Em 1628 encontramos uma ocupação diferente mas perfeitamente compreensível: alguns dos *tableiros* imediatos ao edifício do Paço estavam emprazados a Fernão Roiz de Lima, guarda do edifício.

Emprazamentos na Galeria segundo o
Índice dos Prazos da Mitra (vol. 1)

Data	N.º de arcos	Emprazador	Profissão	Cota	Observações
1609	2	Gonçalo de Basto	Livreiro	Vol. 9, fól. 132v-135	Com uma janela para a rua fronteira à Sé
1627. 1628		Gonçalo de Basto	Livreiro	Vol. 12, fól. 108-109v; vol. 13, fls. 35-36v	Casas em que vive e boticas de livros
1628		Fernão Roiz de Lima	Guarda do Paço Arquiepiscopal	Vol. 13, fól. 129v-130v	
1630	4	Gonçalo de Basto	Livreiro	Vol. 13, fól. 182v-	
1666, 1720	12	Mariana Monteiro		Vol. 22, fól. 182-184v; vol. 136, fól. 228-	Mulher de Bernardo Mendes, livreiro. Casa que foi de Gonçalo de Basto,
1680		Semião Gomes	Livreiro	Vol. 26, fól. 82v-	E sua mulher Mariana da Rocha
1680	4	Mariana da Rocha		Caixa 212, n.º 23	E seu marido Semião Gomes
1680		José Leitão	Sirgheiro?	Caixa 218, n.º 26	

A partir do ano de 1720 deixamos de encontrar informação sobre novos emprazamentos dos *tableiros*. Não conseguimos encontrar razão para esta falha. Terá D. Rodrigo de Moura Teles resolvido dar-lhe outra ocupação? A gravura de George Vivian⁷, que é um século mais tardia, mostra a galeria totalmente entaipada, o que se manteve até ao restauro do Paço feito pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, na década de 1930.

Livreiros em Braga em 1764

Se é certo que pode parecer invulgar a existência de uma tão forte ocupação deste espaço com quase uma só profissão, a dos livreiros, a verdade é que esta classe estava sediada no largo do Paço e na rua do Souto.

No *Rol das Ordenanças de Braga*⁸, datado de 1764, encontramos referência a livreiros a viver no extremo poente daquela rua, muito próximo do largo, havendo dois que viviam mesmo no extremo: Domingos Correia Pereira habitava a penúltima casa e João Pedroso Coimbra, talvez o mais conceituado livreiro de então, vivia na última. Naquele documento vemos que são em número de seis os livreiros a viver em Braga e tinham idades entre os 28 e os 55 anos. Não nos parece, contudo, que cada um tivesse a sua livraria com porta aberta. Um deles, Bernardo Simões, era viúvo, tinha 44 anos e tinha consigo o seu filho João, de 16 anos, que aparece como seu aprendiz.

Esta concentração dos livreiros numa só zona da cidade em meados de Setecentos continuou, de certa forma, na primeira metade do século XX: era no eixo formado pela rua do Souto e rua D. Diogo de Sousa que existiam as livrarias da cidade: Cruz, Gualdino Correia, Globo e Augusto Costa⁹.

O espaço superior da *Galaria*

Vejamos agora a parte superior da *Galaria*, o espaço que o Arcebispo ocupou com a sua biblioteca. A notícia mais antiga data de 1684:

Recolhendose para outra casa os Senhores Marqueses de Tavora, Conde de Vila Verde e Rui Pires de Tavora passaram pela galeria grande em que está a livraria de Sua Il.ma com duzentos e vinte caixotes cheios de livros. Tem esta casa oito bufetes de fino pau preto com pes retorcidos em que havia des castiçais de prata com velas brandoas. Entre os bufetes estão quatro duzias de cadeiras de moscovia com pregaria dourada. Por cima das estantes a quantidade de piramides de lustroso jaspe, vidros de cores extravagantes e quartinhos de Estremoz. Do teto desta casa baixam vinte fios de arame e, em cada um (coberta com capa vermelha), uma gaiola...¹⁰.

Meia dúzia de anos mais tarde, o abade de Priscos, deixou-nos uma descrição breve: *hua livraria assombroza que tomava huas medidas compridas quase de meia carreira de cavalo, de quatro ordens de caixões, e com seus esteirões para o Inverno...¹¹.*

Na década de 1710 ou 1720 o arcebispo D. Rodrigo de Moura Teles interveio nesta imensa sala dotando-a com o tecto que ainda hoje existe e em que se veem as suas armas. Não deverá, porém, ter alterado a organização das prateleiras.

Uma pergunta que se poderá colocar é a seguinte: quantos livros comportaria esta sala. A resposta não é fácil. Hoje existem nela 354 prateleiras, um número muito superior às 220 que existiam em 1684. Este número mostra-nos que este espaço não estava integralmente recoberto com *caixotes*, para utilizar a palavra então usada para designar as prateleiras. Mas é bem natural que a parte sul da sala, contígua à varanda de poder de D. Frei Agostinho de Jesus, não tivesse prateleiras, o que já aproximava mais aqueles dois números.

Outras questões que se podem colocar são as que têm a ver com o acesso e a frequência. O acesso interior não deixa qualquer dúvida; já o acesso para quem vinha da rua é muito mais complicado. Há, porém, uma hipótese plausível: seria feito por uma porta existente na zona do Paço voltada à porta lateral norte da Catedral.

Existe hoje na parede da *Galaria* voltada ao pátio interior uma escada sem qualquer serventia incrustada na parede. Essa escada unia a biblioteca dos arcebispos a uma sala colocada ao cimo de umas escadas que vão ter a uma porta que dá para a Catedral. O facto desta escada ser exterior evitava o devassar do edifício por parte dos utentes a quem, acaso, era concedido acesso à biblioteca arcebispal.

As bibliotecas dos arcebispos

Esta biblioteca pertencia ao arcebispado, e não ao arcebispo. Estes possuíam as suas bibliotecas particulares. O inventário da que pertenceu a D. Luís de Sousa está hoje na Biblioteca da Ajuda¹². O catálogo da de D. Rodrigo de Moura Teles é propriedade privada¹³. Os das bibliotecas de D. José¹⁴ e D. Gaspar de Bragança¹⁵ integram a coleção de manuscritos do Arquivo Distrital de Braga, tendo a do primeiro já sido referida por nós e a de D. Gaspar referida por Pedro Vilas Boas Tavares e Eduardo Alves Duarte¹⁶.

As bibliotecas pessoais dos arcebispos eram avaliadas no momento em que este começava o seu governo e novamente após a sua morte, para efeitos de inventário e entrega aos herdeiros; havia quase sempre uma grande desvalorização nos livros. Os herdeiros não perdiam nada: além dos volumes recebiam também o valor da depreciação.

A biblioteca de D. José de Bragança foi avaliada pelo livreiro João Pedroso Coimbra. À chegada os livros valiam 620\$420 réis; após o falecimento esse valor teve uma fortíssima depreciação que foi estimada em 369\$360 réis, passando os livros a valer cerca de 40%¹⁷ menos, 251\$060 réis.

A biblioteca de D. Gaspar foi louvada em 21 de Abril de 1789¹⁸ pelos livreiros João Luís Pedroso, morador atrás da Sé, e Elisiário do Carmo, da rua do Souto. D. Gaspar deixou em testamento a biblioteca aos seus sucessores:

E pello que respeita a livraria descripta no Inventario do spollio de folhas 111v athe 200 achou que não devia estabelecer a profiçãõ de ignorancia no Episcopado, e que hera necessario reconhecer, e ainda confessar, que toda hera precisa a conservação da Dignidade dos passos de tão grande rebanho¹⁹.

Alberto Feio²⁰ informou que a biblioteca era *valiosa e notável em encadernações mandadas executar pelo arcebispo D. Gaspar de Bragança*. E que foi *quase destruída por um incêndio em 1866, sendo de pouco valor, e composto por obras na maior parte truncadas o espólio* que viria a ser integrado nas colecções da Biblioteca Pública de Braga.

Em Agosto de 1790, ao chegar ao Paço Arquiepiscopal, D. Frei Caetano Brandão ficou sobretudo admirado com a Biblioteca:

Acabado isto, se retirou S.^a Ex.^a ao seu Palacio Archiepiscopal, acompanhado do Cabido, Senado e Relação, e de muita gente; nelle, apezar de algumas cousas espectaveis, nada mais admirou, que a sua fama Livraria, hum dos singulares monumentos, que immortalizará o nome do Serenissimo Sr. D. Gaspar de saudosa memoria²¹.

Quando em Dezembro de 1756, o arquiteto da Casa do Infantado, Mateus Vicente de Oliveira, veio a Braga para ver se seria preciso fazer obras no Paço

para passar a ser habitado por D. Gaspar e para perceber o que é que o edifício sofrera com o terramoto de Lisboa, encontrou o edifício em bom estado. Trouxe com ele outra pessoa que também fez um relatório sobretudo no respeitante à decoração do edifício. O seu relatório foi bastante negativo:

Achei na Livraria do Paço huns poucos de panos de ras todos muito mal tratados: primeiramente a historia de geometria he excelente: tem de altura 13 palmos, são 8 panos de ras e de armação 38 covados; mais outras de 7 panos de ras da historia de Jose mais oito panos de ras avulsos e mais reposteiros de panos de ras com Armas do Senhor D. Rodrigo Arcebispo de Braga...

A caza da livraria faz piedade de tão mal tractada que esta: portas, janelas, tectos, telhados, sobrado e paredes esta tudo cahindo...²².



Foto 3. Manoel Carneiro – Largo do Paço. c.º 1903 (Fototeca ASPA/Museu Nogueira da Silva).

Os espaços actuais

Curiosamente, temos menos informação sobre os tempos mais recentes que sobre os antigos. Com os arcebispos da casa de Bragança a biblioteca mudou para o novo palácio. Qual terá sido a utilidade deste espaço da Galeria?

Sabe-se que em finais do XIX e inícios do XX teve as mais variadas utilizações, sendo que durante quase 20 anos, contados a partir de meados da década de 1920, a parte superior este ocupada com os militares.

Com o restauro operado pela Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, a ala térrea ficou aberta, o mezanino foi disfarçado e o piso superior foi entregue à Biblioteca Pública, aliás a razão de ser do restauro deste edifício do Antigo Paço Arquiepiscopal de Braga. Foram então colocados espólios variados nas estantes aí deixadas pela DGEMN, como, por exemplo, a biblioteca de um antigo professor do liceu, Pereira Caldas. Mais recentemente, com a reorganização da colecção de publicações periódicas da Biblioteca Pública de Braga, este fundo bibliográfico foi ali colocado.



Foto 4. Ricardo Rocio – Largo do Paço, ala poente. 2013.

Notas

¹ José Ferrão AFONSO, *Manuel Luís. Um contributo para o estudo de um mestre pedreiro quinhentista*. (“Museu”, Porto, 4.ª série, 6, 1997, p. 21), discorda da data gravada na pedra tendo como base a documentação que encontrou e propõe ainda: *É assim provável que os trabalhos tenham terminado em 1597, data em que o mestre recebeu o seu pagamento*.

² SOUSA, Lourenço Lancastre de – *Apontamentos bio-bibliográficos sobre os impressores e livreiros bracarenses nos séculos XVII e XVIII bem como a notícia de uma obra impressa em Viana do Castelo*. “Museu”, Porto, 4.ª série, 4, 1995, p. 86, diz desconhecer qualquer tipo de informação de carácter bibliográfico sobre Gonçalo Basto. Refere a existência de cinco obras impressas na sua oficina entre os anos de 1635 e 1641. Constatou, ainda, haver uma certa evolução entre as obras as de Gonçalo e as do seu irmão Frutuoso.

Frutuoso Lourenço de Basto foi também protegido por D. Frei Agostinho de Jesus que numa provisão não só lhe atribuiu os mesmos direitos que dera a Gonçalo Basto mas, também, a quantia de 4\$000 réis anuais, pagos trimestralmente: *e assi mandamos ao nosso tesoureiro dê ao dito Frutuoso Lourenço de Basto em cada hum anno coatro mil reis pagos aos quartos de mantimento que por rezão do ditto officio lhe mandamos dar emquanto assi o ouvermos por bem e não mandarmos o contrario...* (ADB. Registo Geral, vol. 11, fls. 51-52). Esta provisão foi assinada em 28 de Outubro de 1606 e promulgada em 2 de Novembro seguinte.

³ SOUSA, Lourenço Lancastre de – *Apontamentos biobibliográficos sobre os impressores e livreiros bracarenses nos séculos XVII e XVIII bem como a notícia de uma obra impressa em Viana do Castelo*. “Museu”, Porto, 4.ª série, 4, 1995, p. 81-96.

Há ainda um outro membro desta família ligado às artes da tipografia. Trata-se de Francisco Fernandes de Basto, de quem não se conhece nenhum livro, embora se saiba que em 1625 recebeu de trespasse a oficina do seu irmão.

⁴ ADB. Registo Geral, vol. 6, fól. 372v. Esta provisão foi promulgada a 7 de Setembro de 1600. Em 20 de novembro de 1602 D. Frei Agostinho de Jesus repetiu a provisão (ADB. Registo Geral, vol. 7, fól. 195v; foi lançada em 1 de Janeiro de 1603).

⁵ ADB. Prazos da Mitra, vol. 9, fls. 132v-135.

⁶ ADB. Fundo Monástico Conventual. Beneditinos. Mosteiro do Salvador, n.º 45: *Papéis e títulos pertencentes à compra das casas que estão debaixo da livraria que S[ua] A[lteza] mandou comprar*.

⁷ VIVIAN, George – *Scenery of Portugal & Spain*. Londres, P. & D. Colnaghi, 1839.

⁸ Este livro está à guarda do Arquivo Municipal de Braga.

⁹ OLIVEIRA, Eduardo Pires de – *José António da Cruz, professor, livreiro e editor e a Livraria Cruz*. Braga, Associação Comercial, 1995, 36 p. (Memórias e História da Associação Comercial de Braga, 2).

¹⁰ VASCONCELOS, Maria da Assunção Jácome de – *A propósito do “Extracto das Festas” realizadas em Braga aos hóspedes de D. Luís de Sousa, em 1684*. In: *O Arquivo e a cidade. Páginas da história bracarense*. Braga, Arquivo Distrital, 2008, p. 142.

¹¹ Biblioteca Nacional. Códice 419: *Compendio brevissimo da Vida, Acções e morte do Ilmo e Revmo Senhor D. Luis de Sousa*, fól. 61.

¹² Biblioteca da Ajuda: 54-XI-35, n.º 39: [*Inventário de bens por morte do Arcebispo D. Luís de Sousa*], fls. 9-19.

¹³ ROCHA, Manuel Joaquim Moreira da – *Manuel Fernandes da Silva. Mestre e arquitecto de Braga (1693-1751)*. Porto, Centro de Estudos D. Domingos Pinho Brandão, 1996, p. 49, nota 68.

¹⁴ OLIVEIRA, Eduardo Pires – *André Soares e o rococó do Minho*, vol. 1. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2011, p. 128, nota 345 (tese de doutoramento não publicada). ADB. Col. Cronológica, n.º 2823 – *Catálogo da livraria de D. José de Bragança*.

¹⁵ ADB. Ms. 745 e Ms. 911.

¹⁶ TAVARES, Pedro Vilas Boas – *A Biblioteca e a bibliografia de um prelado ilustre D. Gaspar de Bragança, arcebispo de Braga (1758-1789)*. In “Actas do IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga”, vol. II / 2, Braga, Cabido da Sé de Braga, 1990, p. 273-302. DUARTE, Eduardo Alves – *Carlos Amarante (1748-1815) e o Final do Classicismo. Um arquitecto de Braga e do Porto*. Porto: FAUP Publicações, 2000, p. 69-73.

¹⁷ Avaliação efetuada em 17 de Maio de 1760: ADB. [*Inventário dos bens que ficaram por falecimento de D. José de Bragança, Arcebispo Primás*, fól. 7]. Documento ainda não catalogado.

¹⁸ ADB. [*Inventário dos bens por morte de D. Gaspar de Bragança*, fól. 98v]. Documento ainda não catalogado. Esta biblioteca era composta por 901 livros segundo o inventário feito na entrada do arcebispo: ADB. [*Inventário dos bens à chegada de D. Gaspar de Bragança*, fls. 68-128v]. Documento ainda não catalogado.

¹⁹ ADB. [*Inventário dos bens de D. Gaspar de Bragança*, fól. 234v]. Documento ainda não catalogado. No seu testamento D. Gaspar foi ainda mais claro: *Deixo a esta Mitra Bracharense para os meos sucessores a minha Livraria, todos os meus Damascos que servem para armar o Paço, Capella, Rellação e Cazas de Pedralva com suas pertenças, e bemfeitorias da coutada dos subúrbios desta cidade*. O testamento foi publicado por Maria Manuela de Campos MILHEIRO – *Braga: a cidade e a festa no século XVIII*. Guimarães, Núcleo de Estudos de População e Sociedade, Instituto de Ciências Sociais, 2003, p. 86 (apêndice documental). PEIXOTO, Inácio José – *Memórias particulares de... Braga*, Arquivo Distrital, 1992, p. 71: *Deixou a Mitra a sua grande livraria, o ornato de damascos de seu palacio*.

²⁰ FEIO, Alberto – *A Biblioteca Pública de Braga. Notas Históricas*. “Boletim da Biblioteca Pública de Braga”, Braga, 1, 1920, p. 70.

²¹ AMARAL, António Caetano do – *Memórias para a História do Venerável arcebispo de Braga D. Frei Caetano Brandão*. Vol. 2. Lisboa: Na Impressão Régia, 1818, p. 48.

²² ADB. Coleção Cronológica, doc. 2820.